

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Monteiro Lobato - A ação da Igreja Católica de Taubaté: a cidade, a escola e a imprensa como campos de tensão

Mauro Castilho Gonçalves*

No dia 12 de abril de 1959, na 14ª sessão solene da Câmara Municipal de Taubaté, o professor Anísio Teixeira proferiu um discurso em homenagem a Monteiro Lobato, na “VII Semana Monteiro Lobato”¹. O discurso de Teixeira, de treze páginas, apresentou um Lobato nacionalista, defensor das riquezas do Brasil, muitas vezes incompreendido. Destacou suas realizações, particularmente no campo da editoração, elevando-o como uma das mais importantes inteligências brasileiras.

O trecho, a seguir, apresenta a interpretação que Teixeira fez de Lobato, no que se refere à sua influência como intelectual no Brasil pós 1ª Guerra Mundial:

Monteiro Lobato parece-me, neste sentido, o homem mais significativo que sucedeu à primeira guerra mundial, no Brasil e que se estende até 1950 (...) A fazenda constitui a primeira oportunidade de não ver o Brasil como simples espetáculo e sim como um drama em que participa e de que também é ator (...) É o Brasil que passa a ser a sua própria vida: literatura, arte, fama, trabalho, riqueza, tudo para ele passa ser o Brasil (...) Tenho para mim que tudo isso era Lobato à procura do seu país, à procura do seu povo (...) A primeira guerra mundial deveria encerrar o ciclo da subordinação total da nação ao estrangeiro (...) Lobato é o primeiro escritor da fase de plena tomada de consciência do país (...) Colonizar o Brasil não com italianos, mas com brasileiros. Reponha-lhe a necessidade de redimir o brasileiro (...) O desastre completo traduz-se no Jeca Tatú, primeiro mergulho profundo na triste realidade nacional (...) O problema brasileiro começa a brotar dentro dele. Funda uma empresa tipográfica e uma editora.²

¹* Universidade de Taubaté - Doutor

Cf. Atas da Câmara, 12/04/59, p. 4-17. A partir de 1952, a Câmara Municipal de Taubaté passou a organizar anualmente homenagens, em sessões solenes, no mês de abril, a Monteiro Lobato. A VII Semana Monteiro Lobato foi divulgada pelos jornais da cidade. Queremos destacar o jornal *A Tribuna* que anunciou em primeira página a presença do educador baiano em Taubaté. Cf. *A Tribuna*, 14/4/1959, p. 1. Também merece nossa atenção, um dado histórico, para nós significativo. Na IX Semana Monteiro Lobato, a organização do evento convidou Dom Isaías Fernandes Sucasas, bispo da Igreja Metodista do Brasil, para proferir palestra na sessão de abertura da referida Semana.

² Cf. Atas da Câmara, 12/04/1959, fls. 4-17.

A amizade de ambos já vinha de algumas décadas. Nos anos 20, encontraram-se nos Estados Unidos, quando Teixeira entrou em contato com a filosofia de Dewey. Na volta ao Brasil, trouxe em sua bagagem uma carta escrita por Lobato, apresentando-o a Fernando de Azevedo.

Fernando. Ao receberes esta, pára! Bota para fora qualquer senador que te esteja aporrinhando. Solta o pessoal da sala e atende o apresentado, pois ele é o nosso grande Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o maior coração que já encontrei nestes últimos anos de minha vida. O Anísio viu, sentiu e compreendeu a América e te dirá o que realmente significa esse fenômeno novo no mundo. Ouve-o, adora-o como todos os que o conhecemos o adoramos e torna-te amigo dele como me tornei, como nos tornamos eu e você. Bem sabes que há uma certa irmandade no mundo e que é desses irmãos, quando se encontram, reconhecerem-se. Adeus. Adeus. Estou escrevendo a galope, a bordo do navio que vai levando uma grande coisa para o Brasil: o Anísio lapidado pela América. (GERIBELLO, 1977:26)

A correspondência de Lobato endereçada a Fernando de Azevedo revela-nos que ele construiu uma sólida amizade com Anísio Teixeira, a qual se estendeu até a sua morte, o que justifica o teor do discurso proferido por Teixeira, em Taubaté, no ano de 1959. E mais ainda: Lobato interpretou a permanência de Anísio nos Estados Unidos como uma riqueza que a nação e a educação brasileira não deveriam descartar. Fernando de Azevedo, um intelectual que participara ativamente das reformas do ensino, desde meados dos anos 20 do século passado, deveria, segundo Lobato, receber de braços abertos aquele que trazia consigo a carga do “fenômeno novo no mundo”: a América.

Por outro lado, Anísio Teixeira entendia o que Lobato havia significado no campo da literatura, da editoração e da política no Brasil. Ambos assumiam posições políticas e ideológicas contrárias aos setores mais influentes da Igreja Católica, embora representantes, todos eles, dos interesses de diferentes frações das elites dominantes.

O discurso de Anísio Teixeira na Câmara Municipal de Taubaté no final dos anos 50 do século XX auxilia-nos a introduzir o que efetivamente objetivou esta pesquisa. Consideremos, em primeiro lugar, que parcelas importantes da cidade reservaram um lugar especial para o legado de Lobato. Foi proposta legislativa a criação da “Semana Monteiro Lobato”, fato que iria mobilizar escolas, intelectuais, partidos políticos e outras instituições culturais. As comemorações em torno da pessoa e obra de Lobato iniciaram-se no ano de 1953, no mês de abril - ano do seu nascimento -, e foram oficializadas pelo projeto de Lei nº

90/52, que solicitava verba anual de Cr\$ 30.000,00 para os eventuais gastos.³ A primeira semana aconteceu em abril de 1953. A partir do ano seguinte, a igreja católica local iniciou, de maneira implacável, uma campanha contra a obra e o pensamento lobateano.

Por outro lado, contatamos, no rastreamento que realizamos na imprensa, que as escolas católicas da cidade posicionaram-se contra a realização das referidas homenagens ao autor de *Urupês*. O jornal diocesano *O Lábaro*, por exemplo, passou a publicar os posicionamentos contrários a Lobato. No âmbito escolar, em 1 de abril de 1954, o Instituto Diocesano Santo Antonio - instituição de ensino de meninos, dirigida por padres seculares e conhecido como IDESA⁴, - divulgou nota negando-se a participar das comemorações na Escola Normal e Colégio Estadual Monteiro Lobato da II Semana Monteiro Lobato:

Taubaté, 26 de março de 1954. Ilmo. Sr. Professor Antônio de Freitas Malaman, DD. Diretor da Escola Normal e Colégio Estadual 'Monteiro Lobato' – Taubaté. Sr. Diretor: Coerentes com os princípios que determinam a finalidade e traçam as atitudes do Ginásio Diocesano 'Santo Antônio', aos quais são contrários aqueles expandidos na vida e na literatura de Monteiro Lobato, cumpre-nos comunicar-lhe que não aderimos à Semana Lobateana e que não participaremos oficialmente das solenidades e atos e competições da referida Semana. Apresentamo-lhe, no entanto, com os protestos de nossa súbita consideração, cordiais agradecimentos pela gentileza do convite e pela distinção e honra da sua visita. Deus guarde V.S. a) Cônego Eurico de Oliveira Gallichio. (O Lábaro, 1/04/19543, p. 1)

O jornal conclui a matéria divulgando que outras escolas católicas de referência na cidade seguiram o mesmo posicionamento: o Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Bom Conselho e o Ginásio Taubateano:

Conforme apurou nossa reportagem, idêntico é o ponto de vista do Ginásio e Escola Normal 'Nossa Senhora do Bom Conselho, educandário também marcado por uma orientação essencialmente católica. Ao que consta, o mesmo ponto de vista deverá caracterizar o Ginásio Taubateano que, na sua breve e já gloriosa existência, tem dado provas claras do espírito profundamente cristão, não só dos seus alunos, mas também de sua digna diretoria. (O Lábaro, 1/04/19543, p. 1)

³ Atas da Câmara, 2/12/1952, fl 11.

⁴ O Ginásio Diocesano Santo Antonio foi fundado por Dom Epaminondas, bispo da recém-criada diocese de Taubaté, no ano de 1910. Ao lado do Seminário Diocesano Santo Antonio e do jornal *O Lábaro*, o IDESA transformou-se no mais significativo empreendimento criado para organizar política e religiosamente a igreja católica de Taubaté, no início do século XX. Uma síntese da história dessa instituição, do seminário e seus respectivos reitores, ver *O Lábaro*, 21/2/1960, p. 2-3.

Para a igreja católica de Taubaté, era necessário formalizar a campanha contra a obra de Lobato. *O Lábaro*, na edição do dia 6/5/1954, inaugurou uma coluna que durou do mês de maio à primeira edição do mês de junho de 1954.

A intenção era desqualificar, do ponto de vista ético-religioso, a obra do escritor. Uma coluna semanal denominada *Lobato à luz de Lobato*, serviu para demonstrar que a campanha das chamadas “boas leituras” ganhava corpo no interior da urbe taubateana. Assim justificou-se o semanário a respeito:

Uma das funções da imprensa é esclarecer os seus leitores desfazendo valores atribuídos a falsos ídolos ou valorizando princípios que certas mentalidades vesgas não enxergam. Há pouco realizou-se em Taubaté a IIª Semana Monteiro Lobato. Apesar de toda encenação planejada e anunciada, a tal semana não obteve o êxito pretendido. Vista com objetividade, com isto deverão concordar os mais acirrados propagandistas lobateanos. Mediocre, embora, a realização pretende impingir em nosso meio uma valorização indébita do que chamaríamos: ‘o mito Lobato’. Dentro da missão que nos compete junto à esta porção do rebanho de Cristo, aqui estamos para por os pingos nos ii., demonstrando com objetividade o ponto de vista que esposamos: Lobato, embora um grande valor literário, é um espírito anti-cristão e anti-nacionalista. Sob este prisma estigmatizar esta propaganda absurda e ridícula que se faz em torno do seu nome, com a qual, indiretamente, se procura distilar nas almas o vírus da impiedade e do anti-patriotismo. Para que a imprensa diocesana não seja acoimada de facciosismo, procuraremos nestes artigos, demonstrar a nossa tese pela própria obra de Lobato. Somente um espírito ingênuo poderá disfarçar ou negar o valor objetivo deste processo lógico de demonstração. (O Lábaro, 06/05/1954, p. 4)

Na primeira sessão, o jornal, à luz das correspondências de Lobato com Godofredo Rangel, conclui que o escritor seria um “barqueiro sem fé”. Optou em analisar os dois volumes denominados “A barca de Gleyre”. Para o jornal, Lobato seria um “homem sem fé; anti-cristão a despeito da grita de seus defensores gratuitos”. (*O Lábaro*, 06/05/1954, p. 4)

Uma semana depois o jornal em questão publicou a segunda coluna de “Lobato à luz de Lobato”. Prosseguiu em sua análise de trechos das correspondências entre Lobato e Godofredo Rangel. Neles, segundo o semanário, seria possível detectar explicitamente os posicionamentos críticos, irônicos e ateus do escritor.

Na terceira, quarta e quinta colunas, o jornal analisa a obra *Mundo da lua e Miscelânea*, editada em 1946. Nela, Lobato, segundo *O Lábaro*, explicitou ainda mais seus posicionamentos anti-cristãos e agnósticos. O semanário católico não poupou críticas ao que ele chamava de “ateísmo lobateano”. Na verdade, estava em jogo uma campanha sistemática de criação de uma leitura católica da obra de Lobato.

A década de 50 foi particularmente especial para a igreja católica local que, por meio de seu jornal, atacou o legado lobateano. Em 1953, deu-se o início das “semanas Monteiro Lobato” e a igreja como um todo investiu pesadamente na campanha da boa imprensa e das boas leituras, como vimos nos capítulos anteriores.

Nesse clima, a obra do escritor taubateano foi o alvo primordial. Em abril de 1956, *O Lábaro*, retomando um artigo lançado em 1955 pelo boletim *A reconquista*, que *O Estado de São Paulo* lançou, acusou Lobato de defender o ateísmo e de negar as “verdades católicas”, além de aproximá-lo à ideologia bolchevique:

A campanha era incisiva e explícita. Em novembro de 1958, Geraldo Marcondes Cabral publicou o artigo *Porque os livros de Monteiro Lobato não prestam*. Segundo o articulista, a obra infantil de Lobato pregava a ridicularização dos idosos. Tal seria a razão, segundo Cabral, da inutilidade dos escritos lobateanos. Em todos os sentidos o pensamento do escritor era atacado. Campanha que *O Lábaro* e as escolas católicas lideraram na cidade.

Por outro lado, não faltaram na cidade vozes e práticas favoráveis à preservação da memória lobateana. O fato do legislativo municipal preocupar-se em oficializar uma comemoração anual a favor de Lobato, indica o caráter paradoxal presente no interior da urbanidade. Na verdade, a cidade estava na pauta das principais discussões políticas e culturais.

Esse paradoxo torna-se mais explícito quando pensamos na idéia do contraste estabelecido pelo jornal *O Lábaro* em função, de um lado, das comemorações da semana santa e, de outro, das festividades em torno da memória de Lobato. O paralelo estabelecido nos revela um campo de tensão.

A incidência deste debate que invadiu a imprensa taubateana nesta década merece um destaque especial, pois nos revela um campo de atrito no que se refere à formação das elites letradas da cidade. De um lado, setores católicos insistindo na repercussão negativa da obra de Lobato. De outro, uma campanha favorável.

No sentido de evitarmos uma discussão maniqueísta, o que estava em jogo eram paradigmas opostos preocupados em construir hegemonia no interior da cidade. As contradições emergiam na medida em que os projetos eram colocados em pauta, principalmente por meio da imprensa escrita e no interior da escola. Frações de uma mesma classe que buscavam conquistar espaços políticos na cidade.

O jornal *A Tribuna* foi o principal meio de comunicação que investiu favoravelmente na preservação da memória de Lobato. Na gênese das discussões em torno da oficialização das semanas Monteiro Lobato, esse diário posicionou-se, desde o início, ao lado da deliberação do legislativo. Na edição do dia 14/3/1953, em editorial intitulado “Marco de civismo”, o jornal conclamava a população a aderir a I Semana Monteiro Lobato. Alguns dias antes, em artigo, o Professor Bartholo, titular de Geografia do Colégio Estadual e Escola Normal Monteiro Lobato, defendeu o posicionamento nacionalista de Lobato a favor da exploração do petróleo, reagindo às críticas levadas a cabo pelo jornalista Assis Chateaubriand que acusou Lobato de vinculação à ideologia comunista.

Com o título “Encerrada com brilho invulgar a I Semana Monteiro Lobato”, o mesmo jornal contrastou com a perspectiva imprimida pelo semanário católico *O Lábaro*. Na mesma edição *A Tribuna* divulgou uma carta redigida por Arthur Coelho, amigo de Lobato que conviveu com o escritor nos Estados Unidos, com sugestões para incrementar ainda mais os eventos comemorativos e suas apreciações positivas em relação à pessoa de Lobato e sua convivência com a intelectualidade norte-americana. (*A Tribuna*, 14/03/1953, p. 3; 6)

Um ano mais tarde, na edição de 4/5/1954, ano que *O Lábaro* inaugurou a coluna “Lobato à luz de Lobato”, *A Tribuna*, mais uma vez, elogiou a repercussão positiva da II Semana Monteiro Lobato e divulgou o voto favorável do cirurgião Antonio da Gama Rodrigues que, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, parabenizou as homenagens consubstanciadas nessa II Semana.

O símbolo Lobato serviu para outros interesses que passamos a expor neste momento. O mesmo jornal liderou, na cidade, uma campanha favorável à construção de um novo prédio do tradicional Colégio do Estado, conhecido por Monteiro Lobato ou “Estadão”. É importante destacar que o antigo prédio estava necessitando de uma reforma estrutural, porém havia outros interesses vinculados à especulação imobiliária na cidade.

A construção de uma escola poderia fornecer à região possibilidades concretas de desenvolvimento. É o que pensava parcela das elites da cidade infiltradas no legislativo, no executivo e no setor imobiliário. *A Tribuna*, como dissemos, iniciou a campanha, provavelmente influenciada por esses setores.

No dia 25 de fevereiro de 1954, o jornal divulgou notícia relativa à questão em pauta. Intitulada “Colégio Monteiro Lobato – o eterno motivo”, a matéria expressava-se favorável à construção do novo prédio. Para tanto, o jornal entrevistou o Professor Bhartolo,

lente de Geografia daquela instituição e uma das mais importantes lideranças intelectuais do colégio. O referido professor, com sua entrevista acabou por construir uma definição original de Taubaté. Sua leitura sobre a cidade pautava-se na disputa que os grupos hegemônicos travavam entre si para lotear os espaços mais significativos da *urbe*. O mesmo professor não estava isento nesta disputa. Participava ativamente, como sujeito político, das discussões. Neste sentido, foi protagonista de uma importante disputa no coração da cidade.

A localização geográfica da escola estava submetida a uma discussão de fundo político e imobiliário. Próximo à região da construção do novo prédio, havia um prostíbulo que deveria ser transferido para outra área menos “nobre” da cidade. Ao mesmo tempo, o prefeito municipal na ocasião, Félix Guisard Filho, pertencente uma tradicional oligarquia, manteve contatos diretos com o governador do estado de São Paulo, no sentido de pressioná-lo a construir a nova escola em uma de suas propriedades. O professor Bhártolo, revela na entrevista algumas das fraturas internas dos setores hegemônicos. A escola, mais uma vez, aparece como o fio que conduz o debate e as divisões. Ao mesmo tempo a cidade produz um debate que articula cultura urbana e cultura escolar. (*A Tribuna* 25/02/1954, p. 6)

A escolarização serviria como instrumento de ampliação do domínio territorial da cidade pelas forças políticas que viam, na especulação imobiliária, uma alternativa eficaz de consolidação dos poderes político e econômico. Ao mesmo tempo, era vista como sinal de moralização da região, afetada por uma casa de prostituição.

O professor sugeriu que a cadeia pública – que se localizava na Praça Santa Terezinha, próxima centro - fosse transferida e, em seu lugar, “construído o monumento educacional da cidade”. Sua sugestão não foi acatada. O novo colégio do estado foi construído na região onde imperava o domínio da família Ribeiro da Cunha que, mais tarde ocuparia o poder executivo da cidade.

A questão da moralização do local onde seria construído o novo prédio para o colégio do estado foi debatida no interior do legislativo municipal. O vereador Agnaldo Miranda apelou pelos “bons costumes e pela moral”, pois, segundo ele, desejava atender às reclamações de algumas famílias residentes próximas ao prostíbulo da Vila Carlos de Campos, região próxima ao terreno onde, em 1957, fora construído o novo prédio do Colégio Estadual e Escola Normal Monteiro Lobato.

O novo arcano forjado pelas elites políticas e policiais da cidade passou a ser a Vila de Santa Fé, distante do centro da cidade e, ainda, não corrompido pelo especulação

imobiliária. O labirinto de que fala Benjamin (1989), característica da grande cidade ou, no caso, a cidade em pleno processo de urbanização, ocultará as mazelas impostas pelo ideário do mercado.

No caso das famílias residentes na região do prostíbulo da Vila Carlos de Campos, o vereador Agnaldo Miranda, signatário do abaixo-assinado, apresentou as reivindicações dos reclamantes à casa legislativa e solicitou providências urgentes⁵. As argumentações contidas naquele documento revelam-nos representações importantes. A idéia da higienização moral, aliada à firmeza e patriotismo da ação nos remete a projetos de sociedade que marcaram a nação brasileira, particularmente nas décadas de 20 e 30.⁶

No caso do tradicional Colégio do Estado e sua Escola Normal, sua transferência para uma área a ser urbanizada significava a valorização imobiliária da região. Em artigo publicado em *A Tribuna*, um articulista, usando das iniciais DAC, pergunta: “Quando teremos o Colégio?” (*A Tribuna*, 05/02/1952, p. 2-3).

Eis as diversas formas como a marca “Monteiro Lobato” foi utilizada pelas elites letradas e capitalistas da cidade. A Igreja Católica local e as outras frações das elites dominantes, para fazer valer seu projeto de sociedade, tentaram criar sua própria visão de Lobato, aperfeiçoando o discurso e transformando a escola e a imprensa como agentes históricos que intervêm nos processos e episódios.

Referências

A TRIBUNA. Taubaté, 1950-1960.

CÂMARA MUNICIPAL DE TAUBATÉ. *Atas*, 1950-1960.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GERIBELLO, W.P. **Anísio Teixeira: análise e interpretação de sua obra**. São Paulo: Atlas, 1977.

O LÁBARO. Taubaté, Diocese de Taubaté, 1950-1960.

⁵ Atas da Câmara, 31/10/950. Em *A Tribuna*, 19/2/1952, p. 1, uma manchete de primeira página anunciava o suicídio de uma prostituta na cidade. Tratava-se de Maria Benedita da Silva que ateou fogo em seu próprio corpo. As evidências indicaram caso amoroso, pois a mesma mantinha relações com um comerciante da cidade, “que tendo ameaçado deixá-la, mostrava-se disposto a cumprir a ameaça, o que levou-se a suicidar-se”.

⁶ Sobre esta questão, ver Carvalho (1998) e Herschmann & Pereira (1994).